

VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO. O
TRABALHO NO SÉCULO XXI. MUDANÇAS, IMPACTOS E PERSPECTIVAS.

GT 09 – DESIGUALDAD SOCIOECONOMICA Y DESAROLLO

O trabalho do pescador artesanal sob ameaça: relações entre desenvolvimento
econômico, degradação ambiental e reprodução social do pescador a partir de estudo de
caso na Lagoa de Carapebus

Giuliana Franco Leal
(Professora da UFRJ/Campus Macaé)

O trabalho do pescador artesanal sob ameaça: relações entre desenvolvimento econômico, degradação ambiental e reprodução social do pescador a partir de estudo de caso na Lagoa de Carapebus

Resumo

A partir de estudo de caso realizado no município de Carapebus (RJ), discutimos a ameaça à reprodução social de pescadores artesanais, num contexto marcado por um projeto de desenvolvimento econômico centrado na indústria petrolífera. A pesquisa de campo consistiu em observação participante e entrevistas semiestruturadas com pescadores artesanais. Constatamos sua dificuldade de sobrevivência a partir da pesca artesanal, dada a redução da quantidade de peixes e frutos da mar na lagoa onde eles pescam, e relacionamos as condições de trabalho e de vida desses pescadores com o projeto de desenvolvimento regional. Com base na discussão dos pressupostos teórico-metodológicos da ecologia política, analisamos o estudo de caso à luz do contexto nacional e levantamos suas contribuições para pensar projetos de desenvolvimento econômico hoje hegemônicos no Brasil, sem perder de vista suas conexões com os pontos de vista de trabalhadores que pouco se encaixam em suas exigências.

O trabalho do pescador artesanal sob ameaça: relações entre desenvolvimento econômico, degradação ambiental e reprodução social do pescador a partir de estudo de caso na Lagoa de Carapebus

Resumo expandido

A escolha de uma forma de desenvolvimento, necessariamente em detrimento de outras vias possíveis, envolve o privilégio a certos tipos de relações de trabalho e a ameaça a formas de reprodução social de outros grupos de trabalhadores. Pescadores artesanais – aqueles que praticam a pesca nos moldes da pequena produção mercantil, com tecnologias de baixo poder predatório e de forma autônoma, com força de trabalho familiar ou do grupo de vizinhança¹ – constituem exemplo de grupo fortemente afetado tanto pela industrialização da atividade pesqueira como pelo avanço de outras indústrias que têm por característica causar alto impacto ambiental sobre os mares, rios ou lagoas onde ocorrem atividades de pesca.

Tendo isso em vista, fizemos um estudo de caso do grupo de pescadores que atua na Lagoa de Carapebus, localizada em Carapebus (RJ), município da região norte fluminense, cuja principal atividade econômica consiste na extração de petróleo da Bacia de Campos. A indústria petrolífera faz parte de um modelo de desenvolvimento com alto grau de degradação ambiental, gerando consequências negativas para a extração de pescado, não apenas de maneira direta, como também pelo crescimento urbano desordenado que provocou nas cidades da região, com consequentes impactos ambientais, tais como a ocupação de áreas de preservação ambiental e o despejo de esgoto não tratado no mar e em lagoas.

Neste artigo, apresentam-se os mecanismos pelos quais pescadores artesanais têm sua reprodução social ameaçada por certo projeto de desenvolvimento econômico, hegemônico na sociedade brasileira atual, utilizando um estudo de caso, mas levando as reflexões para além dele. Foram examinadas, inicialmente, as condições de trabalho e de vida e as opiniões e estratégias desse grupo de pescadores frente a elas, a partir de

¹ Cardoso, Eduardo Schiavoni. *Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social*. Tese de doutoramento em Geografia Física. São Paulo: SSP, 2001.

observação participante, em reuniões informais de pescadores e reuniões formais da Associação de Pescadores da Lagoa de Carapebus, e de entrevistas semiestruturadas com 11 pescadores, realizadas entre novembro de 2011 e agosto de 2012. Além disso, procuramos confrontar a situação desses pescadores com o projeto de desenvolvimento baseado na indústria *offshore*, adotado na região em que vivem.

Tendo por base da discussão os supostos teórico-metodológicos da vertente da ecologia política, essa pesquisa contribui para discutir criticamente algumas consequências, talvez pouco visíveis, de projetos hegemônicos de desenvolvimento econômico, incentivando o exame de brechas para pensar alternativas possíveis.

Todos os 11 pescadores entrevistados afirmam que o volume de pescado diminuiu consideravelmente ao longo de suas décadas de experiência com a pesca. Todos eles pescam desde crianças e têm idades entre 45 e 80 anos. Sua narrativa, portanto, faz referência ao que ocorreu nas últimas quatro a sete décadas. Embora nenhum tenha localizado o período em que começaram a sofrer com a redução de volume do pescado ou em que essa diminuição se acentuou, as narrativas de suas histórias de vida são reveladoras.

Apenas um, entre os onze pescadores entrevistados, afirma conseguir sobreviver dessa atividade, ainda que tenha outra ocupação paralela. Mas todos dizem que já foi possível tirar mais rendimentos da pesca, num período que situam vagamente como há mais de duas décadas, do que é possível atualmente. A justificativa consensual para a permanência como pescador é o gosto pela pescaria, presente em suas vidas como profissão aprendida com os pais durante a infância, e identificada como momento prazeroso.

Mas metade dos pescadores afirmaram que os filhos não desejam ou não escolheram adotar a mesma profissão. 50% de seus filhos pescam, mas como ocupação secundária ou como *hobby*. Dois pais de família contam que houve uma avaliação da família sobre as vantagens e desvantagens dos filhos se tornarem pescadores, tendo sido decidida a opção por projetos de formação para trabalho em empresas *offshore*, se adequando às demandas regionais por força de trabalho.

Assim, a busca de alternativas à pesca é, ao mesmo tempo, uma via aberta pelo projeto de desenvolvimento adotado na região e um resultado de um constrangimento dado pelas condições objetivas de trabalho. Tais condições foram criadas no bojo de certo projeto de desenvolvimento, centrado na extração de petróleo.

Esse modelo afeta duplamente os pescadores da região. Mais diretamente, a indústria do petróleo tem vários impactos ambientais que podem causar perturbações à pesca, entre os quais, a geração de ruídos, que podem afastar animais, riscos de explosões e vazamentos de óleo e outros danos à fauna².

Além disso, essa forma de desenvolvimento, ensejando aumento populacional drástico sem criação de infraestrutura urbana correspondente, gera consequências para toda a população da região, refletindo-se em expansão de favelas e de ocupações ilegais de terrenos, na insuficiência de serviços urbanos (tais como energia elétrica, asfaltamento, transporte público e saneamento básico³) e, ciclicamente, a degradação ambiental, com lançamento de efluentes domésticos e industriais na água, aterramento de lagoas e brejos e queima de vegetação aquática⁴. Vários ecossistemas encontram-se, assim, ameaçados⁵.

A existência de projetos de desenvolvimento ameaçadores da sustentabilidade, não apenas de ecossistemas como também de profissões e estilos de vida baseados no contato direto com a natureza, não representa um caso isolado. Como destacam Zhouiri et.al.⁶, os governos brasileiros, desde os anos 1990, vêm trazendo uma série de iniciativas de projetos governamentais de desenvolvimentismo sustentável, tais como a transposição do Rio São Francisco, rodovias na Amazônia e grandes hidrelétricas.

A ideia de desenvolvimentismo está associada no Brasil, desde as influências cepalinas da década de 1950, à política econômica, com relevante participação estatal, voltada para o crescimento da produção industrial e do consumo correspondente, como base da economia. Mas nos anos 1990, de acordo com Zhouiri ET all (2005)⁷, os defensores do desenvolvimentismo tiveram que repensá-lo, levando em consideração a

² SILVA, J.M.C.; BOZELLI, R.L.; SANTOS, L.F.; LOPES, A.F. Impactos ambientais da exploração e produção de petróleo na Bacia de Campos, RJ. In: IV Encontro Nacional da Anppas. Brasília, DF, 2008.

³ SILVA NETO, R. et al. “Desafios para o desenvolvimento sustentável no Município de Macaé-RJ”. *Perspectivas Online*, Campos dos Goytacazes, v.1, n.3, p.60-73, 2007.

⁴ ESTEVES, Francisco de Assis. Do índio Goytacá à economia do petróleo: uma viagem pela história e ecologia da maior restinga protegida do Brasil. Campo dos Goytacazes: Essentia Editora, 2011.

⁵ VAINER, A. G. *Território, meio ambiente e conflitos: estudo de caso do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito. UFF 2010.

⁶ Zhouiri, Andréa; Laschefski, Klemens; Pereira, Doralice B. Introdução: desenvolvimento, sustentabilidade e conflitos socioambientais. In: *A insustentável leveza da política ambiental: desenvolvimento e conflitos socioambientais*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

⁷ Zhouiri, Andréa et. AL., *op.cit*, 2005.

forte degradação ambiental em âmbito planetário. À crítica de autores como André Gorz⁸ sobre a alienação entre sociedade industrial e natureza, intelectuais e políticos partidários do desenvolvimentismo responderam com um “ambientalismo de resultados”, derivado da perspectiva economicista hegemônica, que trata problemas ambientais e sociais instrumentalmente, na forma de “interesses” personalizados a ser negociados entre atores – no caso dos mais fracos, “empoderados” para negociar com agências governamentais e setores privados. Ainda segundo Zhou et al (2005)⁹, constitui-se, assim, o “paradigma da adequação ambiental”, dentro de uma visão desenvolvimentista correspondente à modernização tecnológica, em detrimento de um paradigma transformador para a sustentabilidade, com mudança de padrões de produção e de consumo.

A perspectiva da ecologia política é altamente esclarecedora para pensar as consequências da indústria de petróleo, com todo seu potencial econômico e poluidor. Para fins de licenciamento, considera-se que seus impactos são amenizados por medidas mitigadoras, entre as quais se encontram cursos e outros projetos voltados para pescadores artesanais, ao mesmo tempo em que os problemas de sobrevivência desses trabalhadores são irremediavelmente aumentados pela degradação ambiental, conduzindo-os à sua potencial extinção como categoria profissional.

O artigo mostrará que, no caso dos pescadores da Lagoa de Carapebus, suas atitudes, face à ameaça que vivenciam, têm se encaminhado, em sua maior parte, para o afastamento da pesca como fonte de sobrevivência: eles buscam outras ocupações como fonte principal de renda, deixando a pesca como opção complementar, e seus filhos, em sua maioria, fazem opções que excluem a tradição familiar da pesca ou que a colocam como alternativa para o tempo livre. O que isso significa em termos de sua existência social? Para a presente geração de pescadores, assiste-se à precarização das condições de trabalho e de vida. Para as gerações futuras, percebe-se a busca desesperada pela inserção no novo modelo de desenvolvimento.

Para a sociedade brasileira, trata-se da adoção de um modelo de desenvolvimento não sustentável, seja no que se refere ao ecossistema, seja no que se refere à participação dos trabalhadores nos rumos assumidos pela sociedade em que se inserem. Chega a ser uma contradição que se fale tanto em temas como o trabalho verde, ao mesmo tempo que

⁸ Gorz, André. *Capitalisme, socialisme, ecologie*. Paris: Galilée, 1991.

⁹ Zhou, A. et. al, *op.cit*, 2005.

trabalhadores em relação direta com a natureza ficam preteridos de qualquer protagonismo na definição de projetos de desenvolvimento para a sociedade brasileira.